

MOYLAN, Tom; CAVALCANTI, Ildney (Ed.); BENÍCIO, Felipe (Ed.). **Distopias: fragmentos de um céu límpido**. Trad. Felipe Benício, Pedro Fortunato e Thayrone Ibsen. Maceió: Edufal, 2016.

Ednelson João Ramos e Silva Júnior

Ao acessar o site *Internet Movie Database* (IMDb) – maior *database* de produções cinematográficas, televisivas e de videogames do mundo – e realizarmos uma busca pelo termo *dystopia*¹, são obtidos 732 resultados². Se a busca, utilizando o mesmo termo, é feita no site *Amazon*, na seção de livros, aparecem 6.678. No âmbito acadêmico, os números são os seguintes ao buscarmos por resultados a partir da palavra *distopia*: 97 (portal de periódicos da Capes); 5.100 (Google Acadêmico); 2.633 (Springer Link³)⁴. Se a busca continuasse ciberespaço a dentro, a cifra seria ainda maior, mas esses números devem ser o suficiente para demonstrar o quanto a cultura pop e o meio acadêmico estão permeados por discursos que versam sobre representações da distopia. Contudo, o que é a distopia? Pensando na escassez de obras teóricas em língua portuguesa que têm a proposta de discutir essa questão e almejando fomentar um debate crítico, foi que o Grupo de Pesquisa Literatura & Utopia lançou o livro *Distopia: fragmentos de um céu límpido*, de Tom Moylan, primeiro volume da *Série Modus Utopicus*, cuja intenção é fazer circular no Brasil ensaios críticos sobre variadas manifestações dos utopismos.

Como é dito nas notas biográficas da referida publicação, Tom Moylan é Glucksman Professor Emeritus de inglês, professor adjunto da *School of Architecture* e diretor fundador da *Ralahine Centre for Utopian Studies*. Dentre as obras desse teórico, estão os livros *Demand the Impossible: science fiction and the utopian imagination*, *Scraps of the untainted sky: science fiction, utopia, dystopia* e uma grande quantidade de ensaios sobre teoria e práticas utópicas. Em parceria com Jamie Owen Daniel, Raffaella Bacolini e Michael J. Griffin, é coeditor –

¹ Em português, distopia.

² Esse número é obtido somando os resultados que se ligam às seguintes palavras-chaves (exibidas pelo referido site): *dystopia* (656 títulos), *dystopian* (1 título), *dystopian-future* (71 títulos), *dystopian-society* (3 títulos) e *dystopian-fantasy* (1 título).

³ A Springer Link é uma editora mundialmente conhecida que disponibiliza o acesso a periódicos, livros e outros documentos científicos.

⁴ Acessos em 3 de novembro de 2016.

respectivamente – de *Not Yet: reconsidering Ernst Bloch; Utopia method vision: on the use value of social dreaming* e *Exploring the utopian impulse: essays on utopian thought and practice*.

Na introdução de *Distopia: fragmentos de um céu límpido*, os editores esclarecem que a obra em foco é a tradução de um trabalho de Tom Moylan publicado originalmente em 2000, mas ainda atual e pertinente – dada a efervescência da tendência distópica na literatura e em outras expressões culturais na contemporaneidade. Ademais, é dito que o lançamento originalmente constitui a parte dois – capítulos 4, 5 e 6 – de *Scraps of the untainted sky: science fiction, utopia, dystopia*, o qual já foi mencionado nesta resenha e possui três partes. As razões para ter-se optado pela publicação de uma das partes e não do livro em sua integralidade foram três: 1. Na parte um, Moylan tece uma ponderação sobre narrativas de ficção científica e narrativas de utopia, matérias que já gozam de bibliografia extensa em língua portuguesa; 2. Na parte três, Moylan analisa três obras, ressaltando uma categoria proposta por ele – a distopia crítica. Contudo, apesar dessa discussão ser relevante, nenhum dos romances escolhidos como *corpus* foi traduzido para o português; 3. O material teórico sobre distopias – em português – ainda está em um número pouco expressivo e Moylan, para discutir esse tema, baseia-se em obras já conhecidas no Brasil (*Nós*, de Yevgeny Zamyatin; *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley; *1984*, de George Orwell; *O conto da aia*, de Margaret Atwood).

Ainda de acordo com os editores, as narrativas distópicas – no século XXI – permanecem dando uma fisionomia aos medos e desejos que nos paralisam ou movem. Destarte, tendo em conta o crescente interesse do público leitor brasileiro por esse tipo de narrativas, em razão das distopias que pululam em diferentes mídias, sentiu-se a necessidade de promover a aproximação de uma discussão teórica e mais aprofundada desse tópico no contexto brasileiro. Além disso, pretende-se fornecer um panorama do desenvolvimento das narrativas distópicas ao longo do século XX – demarcando os seus traços caracterizadores e contribuindo para a consolidação das investigações que se voltam para os utopismos da cultura.

Como itinerário de leitura, *Distopia: fragmentos de um céu límpido* é dividido em nota da tradução (onde os tradutores explicam pormenores da tradução feita), introdução (cujo conteúdo já foi comentado), prefácio, três capítulos, um posfácio, referências (divididas em obras teóricas, obras literárias e filmes) e notas biográficas. No prefácio, redigido por Tom Moylan com exclusividade para a tradução brasileira, é pensado (sucintamente) o que significa o desenvolvimento de trabalhos – acadêmicos e artísticos – que dialogam com a imaginação distópica em uma conjuntura global avaliada como sombria por causa da crise climática, do

hiperconsumismo que ameaça esgotar os recursos naturais do planeta e da intolerância cultural, que vêm ocasionando ações de ódio e violência gratuita – cada vez mais recorrentes. Na sequência, Moylan fala do seu percurso pessoal até chegar aos estudos sobre a distopia, nos anos 1990, os quais viriam a dar como fruto o *Scraps of the untainted sky: science fiction, utopia, dystopia* – elaborado a partir do material de um seminário sobre literatura distópica (ministrado pelo próprio Moylan) que aconteceu na *George Mason University*, em Virginia, de 1991 a 1999. Rematando o prefácio, Moylan solicita ao público leitor que examine atentamente o que ele escreveu antes da utilização dos conceitos em seus objetos de estudo específicos, reformulando a teorização nos pontos imprescindíveis e colaborando para a atualização dela.

No primeiro capítulo (intitulado *Novos mapas do inferno*), Moylan – inicialmente – analisa o conto *The machine stops* (1909)⁵, de E. M. Forster, e avalia-o como um exemplar precursor do que denomina “mapas distópicos de infernos sociais”. Algo que merece ser elogiado é a espontaneidade na análise dessa e das demais narrativas citadas no decurso do livro, as quais apresentam um vocabulário acessível a quem esteja iniciando a vida acadêmica e a quem não esteja nesse campo de atuação, mas tenha o desejo de compreender problemáticas artísticas. Tendo falado dos “primórdios” da distopia na literatura, Moylan explana sobre a complexa relação entre eutopia, utopia, distopia e antiutopia, fazendo referência a nomes de peso nessa área de estudos – Darko Suvin, Lyman Tower Sargent, Krishen Kumar etc. – e chegando à apreensão de que as distopias não são (necessariamente) opostas às utopias, podendo permanecer no alcance da expressão utópica, de um otimismo da vontade. Com a pretensão de encaminhar-se rumo ao que será discutido no capítulo subsequente, Moylan sinaliza que – em um *continuum* antinômico histórico – a oposição não seria entre Utopia e Distopia, mas entre Utopia e Anti-Utopia⁶.

No segundo capítulo (intitulado *A guinada distópica*), é afirmado que as distopias negociam o terreno da utopia e da antiutopia, ou seja, representando sociedades com cenários tenebrosos – onde um poder central exerce um controle totalitário sobre os corpos, mentes, identidades e percepção da realidade de seus membros ou de parte deles –, negociam um horizonte de esperança (aumentando ou diminuindo a possibilidade de uma transformação ou destruição do poder central). Nas páginas desse capítulo, sustentado por essa afirmação, os traços formais das distopias são demonstrados sempre em um esquema didático – indo dos

⁵ Traduzido no Brasil como *A máquina para*.

⁶ Na tradução, as palavras com a inicial maiúscula referem-se à antinomia histórica, que pode manifestar-se em uma ampla gama de artes, e as palavras com letras minúsculas referem-se ao gênero literário e aos adjetivos.

elementos mais simples aos elementos mais complexos e usando exemplos que ilustram as noções expostas, sem hermetismo.

No terceiro capítulo (intitulado *A distopia crítica*), Moylan adentra na elucubração do que vem a ser a distopia crítica, categoria que ele propõe na trilha de pesquisas de outras pessoas que se dedicam aos estudos dos utopismos da cultura⁷. Por fim, entende-se que as distopias críticas sugerem uma contraposição a uma tendência de fechamento antiutópico de uma narrativa, firmando um espaço de esperança que persiste em uma tensão subversiva que carrega aspectos pessimistas – índices da não-conformidade das personagens com as sociedades em que vivem e do reconhecimento de suas lutas como imprescindíveis para parar a narrativa que (de outra maneira) culminaria em uma antiutopia. No posfácio (intitulado “Reflexos de fragmentos do céu imaculado”), escrito por Elton Furlanetto, o público leitor que venha a adquirir o livro *Distopias: fragmentos de um céu límpido* poderá conhecer quem é Tom Moylan e qual é o seu pensamento como cientista.

Considerando o livro em sua inteireza, recomendo-o a todas as pessoas que anseiem por edificar uma visão mais apurada e incisiva de um fenômeno que circula nas esferas populares – constando (amiúde) na lista de *best-sellers* no formato de romances, que vão de livros únicos a trilogias ou além – e nas esferas acadêmicas – ainda que nem sempre as produções científicas desse tipo sejam benquistas, visto que não dispõem do grau de canonicidade que outros filões da grande área de Letras já usufruem. Todavia, devo indicar o que me parece uma inconsistência no raciocínio de Tom Moylan, pois isso pode gerar certos embaraços a quem conheça os métodos de crítica literária. A inconsistência a que faço alusão é a insistência nas declarações assertivas do papel da literatura – utópica, distópica ou antiutópica – como um caminho de “educação” do público leitor, um estandarte que ajudaria as pessoas a desenvolver em si mesmas uma criticidade, um desejo de desafiar e mudar os aspectos do mundo que negam ou inibem a emancipação da humanidade.

Por que isso seria uma inconsistência? Em primeiro lugar, porque um crítico literário não pode ter segurança dos impactos do texto literário sobre o público leitor. Especulações sobre isso tendem a ser apenas isso: especulações; em segundo lugar, porque é cabível indagar até que ponto existe uma coincidência entre o leitor (concreto) do texto literário e a imagem do leitor produzida pelo próprio texto literário (o leitor implícito); em terceiro lugar, porque

⁷ Como utopismos, entende-se as manifestações de formas do *continuum* antinômico Utopia – Anti-Utopia no seio das culturas humanas em inúmeras configurações (religiosas, filosóficas, artísticas etc.).

quando Moylan debate sobre a definição de distopia⁸, deixa extremamente vago a que público leitor faz referência. Será que todos os possíveis leitores iriam concordar com um modo de ver que a pessoa que escreveu uma narrativa teria tentado elaborar? O texto literário não estaria sendo tomado em um sentido inadequado (reflexo da realidade)? Não é negativo tratar da relação entre leitor e texto literário – longe de mim dizer isso –, mas devemos ter cuidado quando pisamos em gelo fino, pois o trabalho crítico exige um método consistente e claro. Se não fosse assim, como poderíamos reivindicar o status de ciência para os Estudos Literários?

⁸ “[...] ‘uma sociedade não existente [...] descrita em considerável detalhe e normalmente localizada em um tempo e espaço que o/a autor/a pretendeu que o/a leitor/a contemporâneo/a percebesse como consideravelmente pior do que a sociedade em que esse/a leitor/a vivia.’” (SARGENT apud MOYLAN, 2016, p. 91).